

Comunicação, imprensa e jornalismo alternativos: cartografia dos usos conceituais na produção acadêmica brasileira recente¹²

Fernando Felício PACHI F^{o3}
Rafael Bellan Rodrigues de SOUZA⁴
João Augusto MOLIANI⁵

Resumo

Neste estudo buscamos destacar os conceitos que são apresentados na produção acadêmica para caracterizar um tipo específico de comunicação, a alternativa, especialmente no que se refere à imprensa e ao jornalismo alternativos. Analisamos as publicações dos principais congressos científicos da área e, a partir de 2011, as principais revistas acadêmicas brasileiras, além das teses e dissertações disponíveis no Banco de Teses e Dissertações da Capes. Buscamos diferenciar os trabalhos que tratam imprensa e/ou jornalismo alternativo de comunicação alternativa a partir dos conceitos trabalhados pelos próprios autores e, a partir de suas referências, identificar as principais linhas teóricas que definem o conceito de alternativo na comunicação e no jornalismo para tentar construir o conceito de trabalho alternativo a partir do estudo do mundo do trabalho dos jornalistas.

Palavras-chaves: Alternativo; Comunicação alternativa; Comunicação e Trabalho; Jornalismo alternativo; Trabalho.

Neste estudo pretendemos explorar os conceitos que são apresentados como sendo alternativos na área da comunicação, especialmente no jornalismo, na produção acadêmica recente. Para isso, analisamos as publicações dos principais congressos

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação Popular e Alternativa, do PENSACOM BRASIL 2016.

² Pesquisa realizada com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) Processo 2016/06992-3 -

³ Pós-doutorando no Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e membro do Centro de Pesquisa de Comunicação e Trabalho (CPCT/USP). É professor da Faculdade de Tecnologia Termomecânica (FTT) e da Universidade Paulista (Unip). Email: ffpachi@yahoo.com.br

⁴ Pós-doutorando no Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e membro do Centro de Pesquisa de Comunicação e Trabalho (CPCT/USP). É professor adjunto do curso de Comunicação Social/Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), campus de Parintins (AM) e professor colaborador do PPGCOM da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), campus de Manaus (AM). Email: bellanrafael@gmail.com

⁵ Doutorando no PPGCOM da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e membro do Centro de Pesquisa de Comunicação e Trabalho (CPCT/USP). É professor na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Email: moliani@utfpr.edu.br

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

científicos do país e, a partir de 2011, o que foi publicado nas revistas acadêmicas da área e no banco de teses e dissertações da Capes.

Ambos os levantamentos foram feitos em setembro deste ano, em anais dos congressos - Intercom e Compós, além do Congresso Iberoamericano realizado em 2015 no Brasil - foi feito a partir de busca por palavras-chaves (comunicação alternativa, alternativa e alternativo) nos sites das entidades organizadoras dos eventos. Com relação às revistas acadêmicas⁶, a busca foi realizada nos próprios endereços eletrônicos dessas publicações a partir dos índices de cada edição dos últimos cinco anos. Estabelecemos essa data limite pois, além de já terem sido realizadas pesquisas sobre o tema até 2012 (OTRE, 2015), a maioria das publicações nos eventos pesquisados se deu a partir dessa data, indicando maior efervescência do tema.

Os artigos foram separados e retiramos os que estavam repetidos e os que abordavam o conceito de alternativo em desacordo com o pretendido para este texto. Foram excluídos os que tratavam do que é alternativo na cultura, na economia, no marketing e em direção cinematográfica, entre outras áreas.

Dos congressos da Intercom foram separados 65 textos para avaliação. No Ibercom/2015 foram identificados 13 trabalhos e dos congressos da Compós foram identificados dois artigos para compor o corpus da pesquisa. Das 17 revistas pesquisadas, quatro não tinham nenhuma publicação sobre o assunto e das demais foram separados 19 artigos para análise.

Após essa primeira seleção, e agrupando aqueles que haviam sido publicados tanto em anais quanto em revistas, restaram 90 textos que abordavam de diferentes formas o conceito de alternativo. Os trabalhos foram identificados e catalogados levando-se em consideração primeiramente sua abordagem, isto é, se o texto estava tratando do tema de forma mais restritiva, como jornalismo alternativo, ou se o

⁶ Animus (UFSM), Brazilian Journalism Research (SBPJor), Comunicação e Sociedade (Umesp), Conexão (UCS), Contemporânea (UFBA), Contracampo (UFF), E-Compós (Compós), Em Questão (UFRGS), Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC), Famecos (PUCRS), Fronteiras (Unisinos), Galáxia (PUCSP), Intercom (Intercom), Líbero (FCL), Logos (Uerj), Matrizes (Usp) e Rumores (Usp)

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

abordava de forma mais ampla, como comunicação alternativa, posteriormente foi considerado o aporte teórico dessas escolhas.

As teses e dissertações foram identificadas a partir do Banco de Teses e Dissertações do Portal da Capes em pesquisa feita no próprio site da entidade também a partir de palavras-chaves (jornalismo alternativo, comunicação alternativa e imprensa alternativa). Inicialmente, identificamos 28 trabalhos e, após triagem feita a partir da leitura de resumos e avaliação da pertinência de cada trabalho para nossa pesquisa, selecionamos 24 desses para uma análise mais detida, por meio da qual procuramos observar, entre outros aspectos, aporte teórico, metodologia, análise do contexto histórico e social, vínculos com movimentos sociais e tratamento das lógicas produtivas. Buscamos, posteriormente, identificar os conceitos e definições sobre os assuntos pesquisados, bem como os autores mais citados na grande área da comunicação alternativa.

Tendo definido o conjunto do material a ser estudado, a primeira ação a que nos propusemos, inclusive para fins de pesquisas em andamento no Centro de Pesquisa de Comunicação e Trabalho (CPCT) vinculado à ECA/USP, foi identificar o que se reconhece como alternativo e, conseqüentemente, buscar caracterizar aquilo ao qual se propõe uma alternativa de comunicação. Depois nós intentamos descrever as formas de alternatividade apresentadas pelos autores separando-as em dois grupos, a que se dedicam a trabalhar com o alternativo dentro do escopo do jornalismo e as que se ambientam fora desse limite, como alternativas de comunicação.

Hegemonia e Alternatividade

O termo alternativo, em sua dicionarização na língua portuguesa expressa a significação daquilo que se faz ou o que ocorre com alternância ou alternância, que tem o efeito de alternar, realizando determinada ação com função igual ou semelhante à que estava sendo feita originalmente. Também pode significar opção de escolha, isto é, a possibilidade de, ao ser confrontado com algo, poder escolher entre diferentes propostas/proposições, é a possibilidade de outra resposta ou saída para algo e, por fim, em especial no que se refere ao modo de vida e às atividades culturais, alternativo

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

aquilo que representa uma opção fora das instituições, costumes, valores e ideias convencionais.

Mas, só faz sentido discutir o que seja alternativo se colocarmos luz sobre ao que é que se propõe uma alternativa, que é um conceito fundamental para esta discussão. No caso da comunicação e do jornalismo, a alternativa pode ser aos meios, aos processos de produção, às escolhas editoriais, aos formatos dos veículos, enfim, a uma infinidade de questões que representam o sistema midiático atual, que é um sistema hegemônico. Citando Gramsci, Denis de Moraes afirma que a hegemonia pressupõe "a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras, além de congregar as bases econômicas" (MORAES, 2010:54), ou seja, a hegemonia necessariamente tem relação com os conflitos de percepções, de juízos de valor e de princípios entre aqueles que são os sujeitos da ação política.

É esse sistema comunicacional, econômico e político que consideramos como "a ação que estava sendo feita originalmente" ou "o objeto do confronto" ou ainda "as instituições, costumes, valores e ideias convencionais", ao qual o conceito de alternativo vai se contrapor. É a partir do conflito com esse sistema que concebemos o conceito de alternativo.

Sobre as formas na qual o jornalismo alternativo aparece nos textos selecionados nos anais dos congressos, uma delas é justamente como forma de alternar o que é feito pela imprensa, com função igual ou semelhante ao que é feito por ela, em especial na defesa do poder político dominante.

Observamos que os artigos que se enquadram nessa característica apresentam formas de informar, em especial a partir da internet e de maneira mais individualizada, sobre um outro lado da notícia veiculada pela imprensa tradicional e que normalmente é considerada prejudicial aos interesses de determinados grupos na sociedade. Esse "outro lado" se contrapõe aos discursos dos veículos convencionais, normalmente neoliberais, mas, no período estudado, se colocam ao lado do poder político estabelecido com o qual se identificam e, diante de questões polêmicas, ombreiam-se com esse poder e buscam defender suas ações. Para Prudêncio et al (2010), o resultado dessa forma de alternativo

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

é, normalmente, "um produto com as mesmas características criticadas pelos grupos sociais em relação à grande mídia, como a supressão de informação, ausência de pluralidade e visão parcial", voltando-se para a defesa da ideologia dos grupos e movimentos que os financiam.

Um segundo grupo identificado dentro do jornalismo alternativo é o que apresenta o alternativo como uma possibilidade de outra resposta ou uma escolha para além da imprensa comercial hegemônica, ou seja, eles particularizam as demandas sociais não afrontando diretamente a hegemonia dos demais veículos. Os meios estudados nos artigos abordam assuntos diretamente relacionados a uma causa ou grupo e que não são tratados adequadamente pela imprensa convencional, sendo mais complementares à mídia tradicional que alternativo. Seu foco está voltado para os objetivos particularizados, mantendo-se fiéis ao seu escopo principal de aprofundar certas discussões e olhares. Ela é voltada para segmentos mais específicos da sociedade (mulheres, negros, gays, p.ex.) independentemente de governo ou poder econômico e os estudos registram essas inserções jornalísticas ao longo da história.

O terceiro grupo, além de mais numeroso é o que representa o conceito mais difundido de jornalismo alternativo e que representa uma opção fora das instituições, costumes, valores e ideias convencionais, ou seja, o que se contrapõe ao status quo, o que inclui quase todo o conjunto da sociedade, em especial a parte que se sentia representada pelo regime militar no Brasil. Neste grupo entram os estudos que, tanto de forma humorística quanto mais sóbria, se posicionaram contra o regime militar e os governos que o sucederam após a abertura política.

Encontramos ainda outros estudos que também se dedicaram a esclarecer esse subcampo, fugindo da tradicional análise dos meios, que é realizada na maioria dos textos. Nesse sentido, Amorim (2007) propõe uma reflexão sobre a imprensa e a mídia alternativas, Prudêncio et al (2010) busca apresentar uma alternativa ao jornalismo alternativo e outros autores como Barbosa (2011) e Posebon e Nogueira (2010) se debruçam sobre os caminhos do jornalismo alternativo.

Principais referências

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Os autores mais citados nesses trabalhos compõem duas principais vertentes: A primeira ligada diretamente aos veículos que circularam durante o regime militar e no início da democratização no Brasil e um segundo grupo que aborda o que poderia referenciar a imprensa alternativa na contemporaneidade. Do primeiro grupo são representantes Perseu Abramo que questiona justamente o sentido preciso da expressão "alternativa" quando aplicada à imprensa política que se fazia ou se tentava fazer durante o regime militar. Para ele, ela nunca foi de fato uma alternativa à imprensa burguesa, "no sentido de oferecer ao leitor uma opção de leitura, do tipo que levaria um cidadão a deixar de ler o Jornal do Brasil para ler o Opinião, ou trocar O Estado de S. Paulo por Movimento" (ABRAMO, 1998). Para Abramo, era preciso considerar outro aspecto, pois "tratava-se muito mais de fazer um contraponto à imprensa burguesa do que efetivamente substituí-la".

É uma visão diferente da apresentada por Rivaldo Chinem que também se concentra no regime militar e descreve uma série de publicações que se impuseram nos anos 70, identificando-as como alternativas de noticiário, de postura, de mercado, de organização acionária à grande imprensa, não se restringindo apenas ao conteúdo editorial. Ele concentra-se nos jornais políticos Pasquim, Opinião e Movimento falando da influência e luta desses periódicos. Para Chinem (1995:08) "a imprensa alternativa fazia oposição sistemática ao regime militar, denunciava a tortura e a violação dos direitos humanos e criticava o modelo econômico".

O autor mais citado pelos autores que se identificam com o tema de jornalismo alternativo é Bernardo Kucinski (1991), ainda com ênfase ao que ocorreu no período do regime militar, que aborda as características de coragem da oposição ao regime e o contraste frente à complacência da grande imprensa. Em sua obra ele apresenta as condições de existência da imprensa alternativa, aponta seus protagonistas e os arranjos entre eles e leitores, com a sociedade civil, com os partidos políticos e movimentos populares. Como Chinem, ele aponta que não era a resistência à ditadura a única razão da existência da imprensa alternativa, mas devia-se considerar também os desejos da esquerda de protagonizar as transformações e dos jornalistas e intelectuais de ter

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

espaços alternativos de veiculação de ideias, alternativos à grande imprensa e à universidade.

É preciso destacar que o jornalismo alternativo praticado no período de oposição à ditadura militar iniciada em 1964 se constitui como referência conceitual e em modelo de ação, que, de certa forma, molda as experiências posteriores. A resistência política, a insatisfação com o modelo da mídia hegemônica e a falta de espaço nesta mesma mídia para temas de interesse social, de certa forma, são elementos constitutivos da produção alternativa.

Permeando esses conceitos todos está, como já frisamos, o de hegemonia que é apresentado nos artigos estudados a partir dos estudos de Denis de Moraes, que interessa-se pelas intervenções em franca oposição à ideologia neoliberal sustentada pela mídia global e que é erigida sob dois pilares, o do consumo como instância máxima de organização societária e a liberação crescente e generalizada das atividades econômicas para incrementar a produtividade. Para Moraes (2010), a comunicação alternativa é a que atua como ferramenta para a comunicação no campo popular, considerando a militância social e com a tendência a democratizar a palavra e a informação.

Ele vai na mesma linha de Chinem e Kucinski, ao defender que, além dos “veículos independentes do governo, do estado e das corporações”, o trabalho desenvolvido deve ser “dialógico e democratizador” e capaz de “difundir, co-produzir, organizar, articular, capacitar e reconstruir a memória, a identidade e a unidade na ação” (MORAES, 2007:04), o que o leva para além dos meios no jornalismo alternativo. Ele acredita que é necessário “assumir visões transformadoras na relação com os leitores e a sociedade em geral, nos métodos de gestão, nas formas de financiamento e, sobretudo, na interpretação dos fatos sociais” (idem). Para ele, jornalismo alternativo e comunicação contra-hegemônica se confundem.

Maria Cícilia Krholing Peruzzo também é bastante citada e ela amplia o conceito do jornalismo alternativo e o diferencia do que se compreende por comunicação alternativa ao afirmar que "o que caracteriza o jornalismo como alternativo é o fato de

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

representar uma opção enquanto fonte de informação, pelo conteúdo que oferece e pelo tipo de abordagem”, fazendo uma ressalva a outras fontes alternativas, como carro de som e literatura de cordel. Sobre as mídias não jornalísticas ela diz que "eram chamados alternativos pela força do sentido do seu conteúdo, porém, sem dispensar a leitura de jornais convencionais. Em suma, há uma comunicação alternativa no âmbito dos movimentos populares que extrapola jornais e o jornalismo”. (PERUZZO, 2008)

Peruzzo não nega a noção de uma categoria central para se pensar a comunicação alternativa e detalha, em uma tentativa de taxonomia, uma proposta de organização categorial dessas experiências. Nesse sentido, ela vai distinguir a comunicação alternativa, popular e comunitária da imprensa alternativa. Essa última

trata-se de uma vertente que reúne processos de comunicação basicamente jornalísticos, que podem assumir feições mais amplas, de caráter autônomo e, por natureza, não alinhados aos padrões dos meios de comunicação convencionais, governos e demais setores que representam as classes dominantes. Os canais alternativos de maior porte se constituem em alternativa enquanto fontes de informações (PERUZZO, 2009:140/141).

Para definir as formas de expressão dessa imprensa, Peruzzo (2009) nos traz também os subgrupos jornalismo popular alternativo (de base popular), jornalismo alternativo colaborativo, jornalismo alternativo autônomo, jornalismo político-partidário e jornalismo sindical. O termo imprensa alternativa pretende também atualizar as experiências de oposição à ditadura militar notadamente investigadas por Kucinski (1991) e Chinem (1995), evidenciando uma continuidade na constituição de projetos jornalísticos transformadores.

Peruzzo também consegue estabelecer uma ponte com o momento mais recente em que a comunicação alternativa se evidencia na contemporaneidade, fazendo uma aproximação com os conceitos defendidos por outros autores recentes como John Downing, que trata da comunicação realizada por grupos e movimentos com formatos alternativos, rebeldes, criativos e comunitários. Ele busca expandir o conceito de alternativo, abarcando todas as produções de movimentos que não se ligam ao que é dominante-hegemônico. Segundo Downing, em entrevista a Bona et all (2015:99), "a

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

estrutura organizacional, o conteúdo, a estética, a linguagem, a entrada na comunidade, os modos de financiamento, são todos parte do “alternativo”.

Para este autor, a mídia radical seria “a mídia – em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” (DOWNING, 2002:21). Desses meios valem-se grupos de oposição que pretendem transformar a sociedade. Baseado em Gramsci, o autor enxerga a diversidade de expressões alternativas de comunicação como uma tentativa de constituir processos de transformação, no sentido de combater a direção moral e intelectual vigente. Essa missão se atrela ao interesse dos movimentos sociais, visto que é inegável o papel deles nessa mudança. As mídias são tanto suportes como, mesmo quando independentes de organizações, instrumentos de propagação de ideias capazes de chacoalhar o status quo hegemônico.

Downing refere-se tanto aos processos organizativos, passando pelos produtos e seu conteúdo significativo, generalizando no ponto de vista da política (ser contra-hegemônico) o eixo da síntese categorial. Os formatos e linguagens não são ignorados, mas evidenciados dentro da mesma universalidade fenomênica. Assim, por exemplo, uma charge, um radiojornal, uma peça teatral e um testemunho, mesmo em suas oceânicas distinções formais e diversidade produtiva, seriam unificadas na ideia de uma ação cultural midiática contra-hegemônica.

A comunicação alternativa

É importante ressaltar que o jornalismo é apenas uma das formas que o alternativo aparece na comunicação. Um outro grupo de artigos, papers e trabalhos acadêmicos adotam o conceito de comunicação alternativa como um processo comunicacional que supera o jornalístico e envolve outras formas de comunicação, além de ampliar o interesse do objeto para além da questão informacional.

Estes trabalhos, em geral, se relacionam a experiências contemporâneas de comunicação alternativa, ligadas a movimentos sociais e às tecnologias de informação e comunicação. Os enquadramentos não podem seguir os mesmos critérios usados para mapear esse conceito no jornalismo, uma vez que há, além de amplitude conceitual

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

maior, também uma preocupação diferenciada dos protagonistas dessa forma de comunicação.

Como uma primeira categoria, podemos situar a comunicação alternativa como sinônimo de Ativismo Midiático, isto é, movimentos da sociedade, mais ou menos organizados, que buscam despertar, especialmente na imprensa tradicional mas não só nela, interesse sobre determinado tema ou assunto e sua conseqüente repercussão.

Um segundo agrupamento dos textos que tratam a comunicação alternativa é retratando mídias diferentes (alto-falante, cordel, rádios comunitárias) das mídias mais comuns, em especial para dar visibilidade ou buscar o reconhecimento de um grupo/segmento da sociedade ou de uma localidade. É uma expansão do conceito de mídia ou veículo de comunicação, tendo como contraponto os veículos e formatos mais comuns nos veículos de comunicação convencionais (jornais, revistas, murais, etc).

Um terceiro grupo reúne os textos que abordam formas de uso não convencionais dos meios de comunicação tradicionais - revistas e programas de rádio, por exemplo -, seja pela mudança de propósito, da linguagem, do formato muitas vezes. Comumente os artigos retratam experiências que têm por finalidade dar visibilidade a um grupo/segmento da sociedade pelo uso dos meios, seja dirigindo-se para a sociedade como um todo ou a voltada ao seu próprio grupo, adotando características específicas que promovam a identificação do meio com esse grupo.

Um quarto grupo que conseguimos formar refere-se à comunicação como sendo alternativa quando é produzida por um grupo ou movimento social, ou quando é dirigida a ele, independentemente do fato de que a comunicação realizada ser convencional, inclusive orientada pelos conceitos da comunicação organizacional, das relações públicas e do jornalismo empresarial.

Identificamos ainda autores que discutem teoricamente a comunicação alternativa, popular e comunitária, aparecendo como novas, e necessárias, vozes. Devemos destacar o trabalho de Otre (2015), que pesquisou a subárea da comunicação popular, alternativa e comunitária (CPAC) nas pesquisas discentes stricto sensu no Brasil, de 1972 a 2012 e também Dornelles (2007), que discute as divergências

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

conceituais nessa subárea e Parente (2014), que aborda o papel do midialivrismo nessa construção comunicacional.

Principais referências

Entre as referências de maior destaque neste grupo é incontestável o predomínio de Círcia Maria Krohling Peruzzo, com 86 referências de 20 de seus trabalhos. Nesses textos Peruzzo aborda um amplo espectro de temas relacionados à comunicação alternativa, popular e comunitária desde as discussões conceituais que diferenciam essas formas de comunicação até aspectos das mídias comunitárias como rádio, televisão e internet, além de textos relacionados ao próprio jornalismo alternativo.

Os outros autores de destaque são: John Downing com sete indicações a seu trabalho que aborda o conceito de mídia radical e Regina Festa com seis citações, em especial do texto que aborda a diferenciação entre jornalismo e comunicação alternativos (também presente nos artigos sobre jornalismo alternativo). Ainda aparecem, mas com menos frequência, Denise Cogo, Máximo Grinberg, Marcos Palácios e Raquel Paiva.

Percebe-se que, na discussão sobre comunicação alternativa, há praticamente um monopólio da voz de Círcia Peruzzo dando os contornos e as diretrizes de como se interpreta o que é alternativo, o que é popular e o que é comunitário.

O trabalho alternativo

Observamos ainda um movimento inicial no que compreendemos por alternativo na comunicação que é o de desenvolvimento de estudos sobre o trabalho jornalístico não convencional, em especial por membros do Centro de Pesquisas sobre Comunicação e Trabalho (CPCT). Esses autores não abordam o alternativo em termos de meios ou mensagens, emissores ou destinatários e não buscam analisar conteúdo ou formato. Também não entram no mérito do que seja alternativo, comunitário ou popular. O eixo principal de suas pesquisas está no que é o trabalho jornalístico e quais são as formas que esse trabalho se apresenta hoje, ou seja, busca-se definir, para além do emprego em redações, o que é o trabalho jornalístico alternativo. Referem-se ao

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

mundo do trabalho dentro do jornalismo, identificando contrapontos à sua forma mais convencional e buscando destacar a alternatividade laboral presente no campo.

Como é a classe dominante que tende a implantar a sua forma de ver o mundo, portanto a defesa da introdução de cada novo sistema de produção se baseia sempre no discurso de defesa do modelo atual de acumulação de capital. “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante” (MARX; ENGELS, 2007:47). Oferecem-se novas formas de organização do trabalho, de regulação profissional e essa proposta de novo ordenamento social envolvendo capital, trabalho e Estado, como a única tábua de salvação.

Para se contrapor ao discurso hegemônico de desprezo com o trabalhador ou de fim do trabalho se faz necessário refletirmos, como defende Figaro (2008), sobre como o campo científico da comunicação se coloca para explicar a realidade desta sociedade em que vivemos e suas formas de expressão.

Estudar a comunicação e o mundo do trabalho possibilita

“entender a partir de que valores as pessoas fazem suas escolhas; como se constituem os coletivos de trabalho que estão fora do enquadramento do organograma da empresa; como se constituem as redes de ajuda e solidariedade na resolução de problemas e tarefas. É, ainda, compreender como o mundo do trabalho transborda de seu meio e abarca outros espaços sociais, tais como a casa, o bairro, a mídia, etc”. (FIGARO, 2009:38)

Conclusões

Nosso intuito com esta pesquisa sobre os conceitos em circulação nos estudos de jornalismo e comunicação alternativa no Brasil era produzir um mapeamento inicial que nos ajudasse a pensar no trabalho jornalístico em modelos alternativos em cenário de complexidade política, econômica e social, como é o caso brasileiro. A análise realizada nos levou a identificar definições variadas.

A primeira diferença refere-se à comunicação alternativa e ao jornalismo alternativo, tratados como objetos distintos. O jornalismo alternativo no Brasil é tratado na continuidade do que foi a experiência de oposição ao regime militar instaurado em

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

1964. A imprensa alternativa, marcada pela resistência política e pela necessidade de tratar temas que não encontravam espaço na mídia tradicional, se constitui como ponto de partida e modelo para as análises no campo teórico. Na atualidade, o jornalismo alternativo se define pelo tratamento dos fatos que são noticiados pela mídia tradicional e em contraposição ao discurso hegemônico, seja no que se refere aos posicionamentos assumidos ou na inclusão de temas não diretamente tratados pela mídia em geral.

A comunicação alternativa em geral é tratada como campo que não inclui necessariamente o jornalismo alternativo. Sua abordagem é mais ampla e se relaciona à exclusão social, de grupos ou visões de mundo e à promoção de temas e questões consideradas relevantes para determinados grupos. Desse modo, a comunicação alternativa se vincula a movimentos sociais que buscam modificar a condição de invisibilidade a que estão sujeitos por um sistema dominante de comunicação. A preocupação destes estudos tem como foco o processo comunicacional e como ele integra o trabalho dos grupos e comunidades em defesa de seus interesses. A comunicação alternativa ganha assim o adjetivo "popular" ou "comunitária" em muitos trabalhos, que buscam compreender as especificidades da realidade brasileira.

Ao identificarmos que o jornalismo alternativo tem como características o contraponto ao discurso hegemônico e suas raízes na imprensa alternativa de oposição à ditadura, pudemos observar que as pesquisas buscam na história as características e padrões para compreensão da atualidade. Distanciando-se da história do jornalismo alternativo, os estudiosos da comunicação alternativa, por sua vez, buscam compreendê-la em seus modos de produção e definir os conceitos a partir das transformações observadas na realidade.

Ao retomarmos nossa motivação inicial que era justamente compreender o jornalismo alternativo a partir das suas lógicas produtivas, mais especificamente da categoria do trabalho, pudemos observar que há apenas menções esparsas às rotinas produtivas, à inserção dos jornalistas nos processos comunicacionais ou mesmo às formas de sustentação econômica de tais iniciativas. Tanto nas pesquisas acerca de comunicação alternativa quanto nas de de jornalismo alternativo a ênfase recai sobre

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

aspectos simbólicos ou sobre o processo comunicacional definido na esfera dos movimentos sociais e dos embates políticos. A pergunta que nos fazemos neste momento é: ao inserir a categoria trabalho na análise dessas práticas, podemos chegar a outra compreensão do que seja o alternativo na comunicação?

Acreditamos que as abordagens tanto sobre a comunicação alternativa quanto sobre o mundo do trabalho não podem ficar restritas aos pressupostos da razão instrumental e do pensamento hegemônico. É preciso demonstrar que o mundo se constitui também a partir do olhar dos trabalhadores, que no trabalho há espaço para outras linguagens, contradiscursos e movimentações que não obtêm visibilidade compatível com a sua importância. Disso decorre a importância de se dirigir o foco das pesquisas em comunicação para além dos meios, voltando-se para os comunicadores e os jornalistas, aqueles que lutam para se apresentar como sujeitos, dando-lhes também o direito à palavra.

Referências bibliográficas

ABRAMO, P. Imprensa Alternativa: alcance e limites. **Tempo e Presença**, nr. 233, agosto de 1988.

Disponível em <http://novo.fpabramo.org.br/content/imprensa-alternativa-alcances-e-limites>. Acesso em: 01/12/2016

AMORIM, C. R. T. C. Imprensa/Mídia Alternativa: Uma reflexão sobre o tema. In V Congresso Nacional de História da Mídia, 2007, São Paulo/SP. **Anais eletrônicos...** São Paulo/SP: Intercom, 2007.

Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/ImprensaMidia%20Alternativa%20Uma%20reflexao%20sobre%20o%20tema.pdf>. Acesso em: 01/12/2016

BARBOSA, A. Tarefas da imprensa alternativa na construção da contra-hegemonia na América Latina.

In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife/PE. **Anais eletrônicos...**

Recife/PE: Intercom, 2011. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1871-1.pdf>. Acesso em: 01/12/2016

BONA, N; CARVALHO, G.G.; RIBEIRO, A.T.; GIUVANUSI, R.; ANDRADE, J. e BECKER, D. Jornalismo alternativo e o ambiente digital: entrevista com John Downing. **Revista UNINTER de**

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Comunicação | vol. 3, n.5, p. 93 - 100 | jul – dez 2015. Disponível em <http://uninter.com/revistacomunicacao/index.php/revistacomunicacao/article/download/604/340>. Acesso em: 01/12/2016.

CHINEM, R. **Imprensa alternativa – Jornalismo de Oposição e inovação**. São Paulo: Editora Ática, 1995

DORNELLES, B. Divergências conceituais em torno da comunicação popular e comunitária na América Latina. **E-compós**. Agosto de 2007 - 2/18 . Disponível em <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/176/177>. Acessado em 24/11/2016

DOWNING, John. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Senac, 2002

FIGARO, R. Atividade de comunicação e trabalho. In: **Revista Trabalho, Educação e Saúde**. vol 1. .Rio de Janeiro, Março/2008.

_____. Comunicação e Trabalho: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção. In: **Revista Mediaciones Sociales**. vol 4. Madri-Espanha, 2009.

KUNCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta, 1991.

MARX, Karl & ENGELS, Fredrich. **A ideologia alemã**. São Paulo; Boitempo, 2007

MORAES, D. Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas. **Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**. vol. IX, n. 2, mayo – ago. / 2007. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/viewFile/226/224>. Acesso em: 01/12/2016

_____. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci. **Debates**, Porto Alegre/RS, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/12420/8298>. Acesso em: 01/12/2016

OTRE, M. A. C. A Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária inserida na Pós-graduação em Comunicação no Brasil (1972-2012). In: X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã, 2015, Bauru/SP. **Anais eletrônicos...** Bauru/SP: Unesp/Faac, 2015. Disponível em <http://www.unicentro.br/redemc/2015/anais/DT4/DT4-11.pdf>. Acessado em 24/11/2016

PARENTE, R. E. Do midialivrismo de massa ao midialivrismo ciberativista: uma reflexão sobre as perspectivas de comunicação alternativa no Brasil. In: XXIII Encontro Anual da Compós, 2014, Belém/PA. **Anais eletrônicos...** Belém/PA: Compós, 2014. Disponível em

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

http://www.compos.org.br/biblioteca/domidialivrismodemassaaomidialivrismociberativista_rebataescariãoparente_compós2014_2148.pdf. Acesso em 24/11/2016

PERUZZO, M. C. K. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor. - **Palavra Clave**. Vol 11, No 2 (2008) - Disponível em <http://palavraclave.unisabana.edu.co/index.php/palavraclave/article/view/1503/1744>. Acesso em 24/11/2016

_____ Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. Galáxia, 2009, Junho: Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2108>. Acesso em 01/12/2016

POSSEBON, A. e NOGUEIRA, S. Comunicação e Cidadania: Diálogo Necessário. In XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul/RS. **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul/RS: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1162-1.pdf>. Acesso em: 01/12/2016

PRUDENCIO, K.; PUPO, F. V.; MENEZES, A. G. Uma alternativa ao jornalismo alternativo. In. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul/RS. **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul/RS: Intercom, 2010. Disponível em: http://www.academia.edu/3282973/Uma_alternativa_ao_jornalismo_alternativo. Acesso em: 01/12/2016